

Nesse segundo número da *DIAPHONÍA* em 2024, a Revista entrevista o Professor José Dias, professor efetivo da UNIOESTE, onde atua na graduação e na Pós-graduação em Filosofia. O periódico, desde já, agradece o aceite do convite para participar nesta edição.

D [*DIAPHONÍA*]

JFAD [José Francisco de Assis Dias]

D – O professor poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela área da Filosofia?

JFAD – Primeiramente, eu gostaria de agradecer à *Revista Diaphonía* pelo convite, através da pessoa do Prof. Claudinei. Minha relação com a Filosofia se deu em duas etapas distintas, mas em uma sequência quase necessária. Eu era seminarista na Diocese de Umuarama. Após o ano propedêutico, fomos transferidos para o *Instituto Filosófico N. Sra. da Glória*, de Maringá, recém-criado. Pertenci, pois, à primeira turma. Tratava-se de um curso livre, interno ao Seminário Interdiocesano de Maringá. Esse foi meu primeiro encontro com a Filosofia. Após à Filosofia, fomos levados a Londrina, onde cursamos a Teologia no *Instituto Teológico Paulo VI*, anexo ao então Seminário Interdiocesano Arquidiocesano, cujo arcebispo era o recém nomeado Arcebispo Dom Geraldo Majela, que tinha sido Bispo de Toledo. Após à Teologia, no ano seguinte fui para Roma, estudar Direito Canônico na *Pontifícia Universidade Urbaniana*, onde pesquisei a fundamentação filosófica dos Direitos Humanos. Nesse momento, deu-se o meu segundo e definitivo encontro com a Filosofia. Assim, pesquisando na área de Filosofia do Direito, senti falta de maior aprofundamento dos temas filosóficos. Foi ali que, então, na mesma Universidade, cursei Filosofia também em nível de mestrado e doutorado, onde continuei minhas pesquisas sobre direitos humanos e a dignidade humana, no pensamento de Norberto Bobbio,

referência para a Filosofia do Direito, da Política e da Ética laica italiana no século XX.

D – O professor poderia relatar um pouco sobre sua trajetória religiosa?

JFAD – Minha trajetória religiosa começa no seio de uma família humilde, na periferia da cidade de Umuarama, composta por imigrantes do Estado de Minas Gerais, sob a orientação “catequética” do Patriarca Aristides, hoje, servo de Deus, sob o título de “Aristides dos Enfermos”, a quem devo os princípios fundamentais da conduta moral. Trata-se de um homem de grande inteligência e fé inabalável, porém, ele não teve acesso à escola regular, sua instrução formal aconteceu durante um único ano, na terceira década do século XX. Ao entrar na juventude, com 17 anos de idade, ingressei no Seminário Menor de Umuarama, sob a reitoria do próprio Bispo diocesano, Dom José Maria Maimone. Depois, como disse acima, fui levado ao Instituto Filosófico de Maringá, onde começou a segunda etapa de minha trajetória religiosa, que eu gosto de chamar de “esclarecida”, que continua até hoje, uma relação de fé com a religião, à luz rigorosa da razão.

11

D – O professor atua, na UNIOESTE, há oito anos. Já foi coordenador do curso de graduação em Filosofia, além de atuar também junto ao Programa de Pós-graduação na mesma área da instituição. Que significado histórico-pessoal e acadêmico essa vivência lhe proporcionou?

JFAD – Tomei posse e dei início ao exercício do cargo no dia 21/09/2015, e antes de terminar o meu estágio probatório, no dia 15/12/2017, tomei posse como coordenador pela primeira vez. Assim, no dia 15/12/2019, teve início o meu segundo mandato que durou até dia 14/12/2021. Posso dizer que foi uma experiência muito enriquecedora, pois, apesar das grandes dificuldades pessoais e administrativas que enfrentei, hoje, considero que me ajudou a crescer como docente e como membro efetivo de nosso Colegiado, onde pretendo trabalhar ainda por muitos anos: as dificuldades enfrentadas me fortaleceram para ser um professor melhor e, espero, um colega melhor. Não posso deixar de destacar a

generosidade com que o Colegiado de Filosofia me acolheu; para tanto, destaco os nomes do professor Rosalvo, então Diretor do Centro, professora Nelsi, então assessora do CCHS, e professora Ester, então coordenadora da Graduação em Filosofia.

D – Acerca de sua trajetória de pesquisa iniciada com os estudos na área da Filosofia Política, em especial, a do pensador contemporâneo Norberto Bobbio. Quais as motivações que o levaram a trabalhar tal autor?

JFAD – Conheci Norberto Bobbio em Roma: ele era Senador da República Italiana na época. Em minhas pesquisas sobre os direitos humanos, em meu primeiro doutorado, tive contato com a sua vastíssima obra, aproximadamente, 3.500 escritos recolhidos em muitas obras coletâneas, várias delas traduzidas e publicadas no Brasil, mas a maioria ainda desconhecida pelos leitores brasileiros. No mestrado e doutorado em Filosofia, voltei a Bobbio, então como autor principal, mergulhando mais especificamente em seu pensamento jurídico e político. Eis porque fui motivado pelo laicismo e, talvez, ateísmo de Bobbio. Apesar de minha formação religiosa, na época eu já era teólogo e canonista. Eu buscava um autor que me oferecesse fundamentação puramente filosófica para os direitos humanos, a dignidade humana e o valor da vida humana. Bobbio então apareceu como esse autor, alheio aos argumentos da fé. Ele tornou-se o autor central de minhas pesquisas, e hoje, após tantos anos, continuo a estudá-lo e, através do Instituto Norberto Bobbio, há alguns anos, faço traduções de escritos de Bobbio, inéditos no Brasil.

D – Acerca de sua experiência como Editor. Há vários pesquisadores brasileiros, inclusive, da área de Filosofia fazendo esse experimento. Poderia relatar um pouco dessa experiência?

JFAD – Minha experiência no mundo editorial, deu-se no ano em que retornei ao Brasil, ao concluir o doutorado em Filosofia, em 2008. Eu sentia, na época, vontade de colaborar com a publicação e divulgação de conteúdo de qualidade,

então criei em Maringá-PR, a Editora Vivens. Hoje, esta “missão” editorial foi passada ao *Instituto Quero Saber*, entidade sem fins lucrativos, que, juntamente com o prof. Junior Cunha e outros colegas e acadêmicos, criamos em Toledo. O IQS hospeda o acervo da Editora Vivens e publica em várias áreas do conhecimento, mantendo também a *Revista Quero Saber*, periódico interdisciplinar. Considero que o mundo editorial é consequência natural de nosso amor pela pesquisa, produção e docência; é manifestação de nosso amor pela sapiência.

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

JFAD – Sabemos, através da história, que “quem pensa” incomoda os poderosos, detentores das forças políticas, econômicas e religiosas presentes na sociedade; conseqüentemente, “precisa” ser combatido e silenciado para que as massas possam ser manipuladas e manobradas a seus interesses escusos. Vivemos, no cenário mundial, não somente brasileiro, um esforço duplo de impedir o pensamento autônomo e, de outro, polarizar as massas populares porque “povo dividido é povo conquistado”, dominado e instrumentalizado. É assustador ver que, mesmo pessoas com títulos universitários, portanto, instruídas, deixam-se manobrar por mentiras disseminadas em todos os níveis da sociedade e sobre todas as áreas do saber. Uma filosofia esclarecida e esclarecedora nas Escolas, desde as séries iniciais até o ensino médio, é fundamental para que possamos formar uma sociedade composta por pessoas livres e autênticas, moralmente sadias e responsáveis pelos seus atos, que saibam ouvir criticamente e opinar conscientemente, distinguindo o que “é” do que “não é”; pessoas inclusivas e acolhedoras; do contrário, continuaremos a ver a “massa” dos “escravos voluntários” e dos “alienados” crescendo a cada dia.

D – Qual a sua perspectiva para a Filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente em meio a tantos ataques na seara, como um todo, das Humanidades?

JFAD – Se me permitem, vou usar uma imagem conhecida no âmbito teológico, a “luz” e as “trevas”. A meu ver, a missão da Filosofia, hoje mais do que nunca, é de ser “luz” nas “trevas” que, atualmente, se alastram nas sociedades, em todo o mundo. Ser filósofo, hoje, considero que seja ser arauto da luz da razão, única força capaz de libertar a sociedade das trevas da ignorância, no pior sentido do termo. Olho as humanidades, e em modo particular, a área da Filosofia, com preocupação, pois considero que vivemos, talvez, a mais profunda “crise” de nossa milenar história: parece que o próprio “humano” se encontra esvaziado, coisificado, e, conseqüentemente, marginalizado. As forças políticas que dominam as sociedades parecem conduzi-las para uma coisificação e artificialização das pessoas e de suas relações.

A Revista Diaphonía agradece ao aceite do convite do entrevistado Professor Doutor José Francisco de Assis Dias, e também à sua participação conosco na presente edição inédita de 2024.